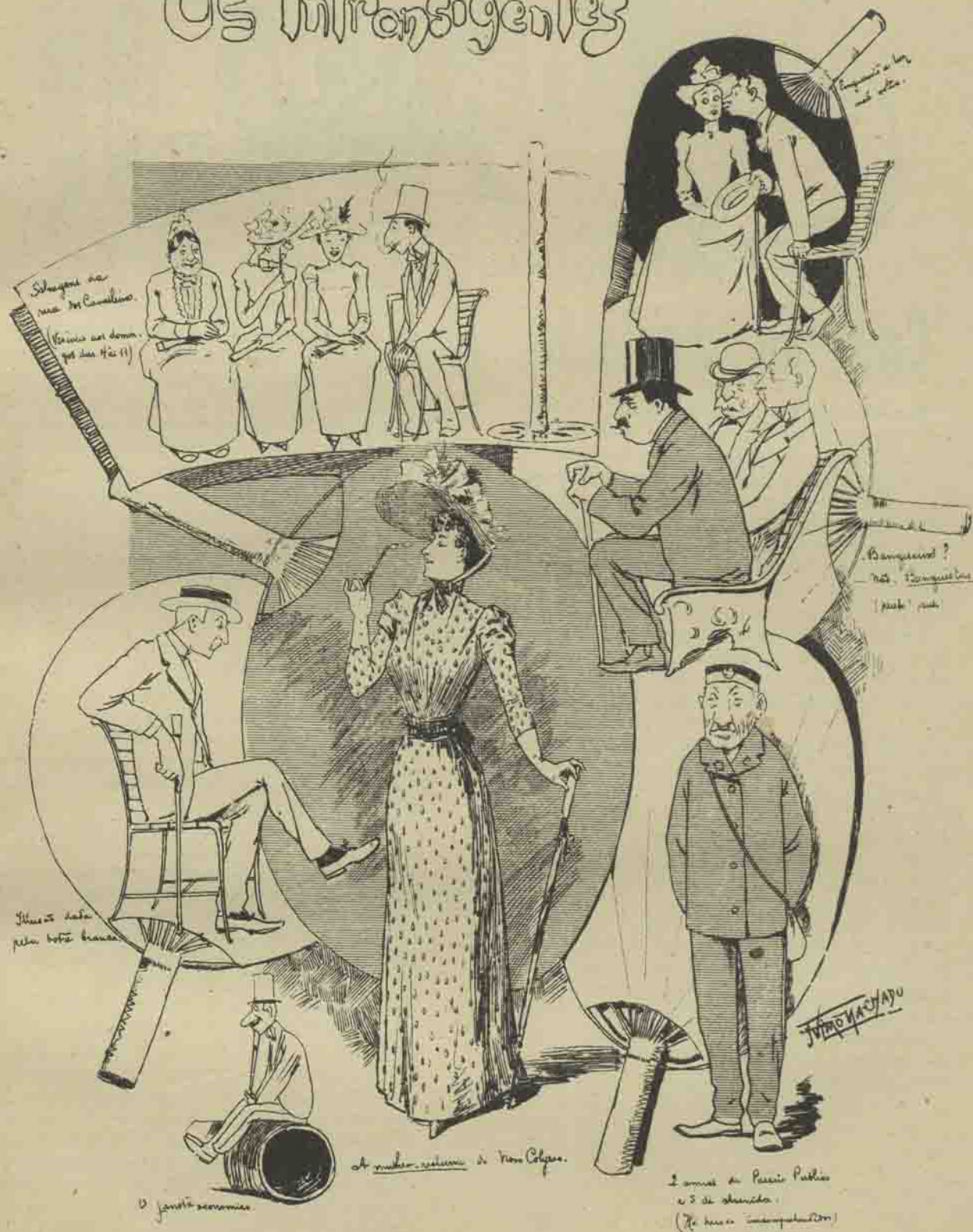


Os Intransigentes



AO COLLEGA JULIÃO

PONTOS
NOS II.



Caça ao charlatão

No districto de Lisboa, acaba a policia de fazer uma rusga em fórma aos curandeiros. Foram presos, no dizer dos jornaes, cerca de seis ou sete intrujões, alguns dos quaes forrados de Mrs Alphonses e de gatunos, que intitulado-se doutores e especialistas, prégavam nas praças os effeitos maravilhosos dos artigos que vendiam, dando consultas, fazendo operações, e reclamando enfim das boticas, por via de receitas assignadas, todos quantos medicamentos haviam mister, na pratica da *nobre arte de curar*.

Esta caçada todavia em pouco serve os interesses e as vidas dos ingenuos, visto exercer-se apenas sobre uma porção minuscula d'intrujões, e escolher d'entre estes, o substracto mais inoffensivo. Querer cohibir o commercio das drogas secretas e o exercicio illegal da medicina, prendendo os alarves que offerecem de cima d'um carro alcoleo de horragem para o rheumatismo, e sabões p'ra nodoas—a esfierta entre-meada com sortes de prestidigitación—é o mesmo que imaginar que se dá caça ao jogo, inutilizando a roleta que os vendedores de castanhas trazem no inverno, para melhor vender as suas *quentes e boas*. De certo que eu applaudo a policia por desinfecar do curandeiro as nossas praças; porém quizera não a vêr exitar no emprehendimento, e cortejal-a-hia nobremente, se ella perdendo o medo aos casacas, entrasse a metter na cadeia tambem os charlatães grandes e impudentes, sem excluir pharmacias nem postos medicos. Lisboa exerce actualmente um commercio de preparados secretos e d'especialidades medicas, onde uma lei sensata lograria bem d'interferir, por fórma ao publico extremar d'entre manipuladores e clinicos, quaes devessem ser postos de reserva. E' ir a umas pharmacias—drogarias que ahi ha geridas por *artistas* creadores, e percorrer o catalogo das *especialidades da casa*.

E de morrer! A inventiva que d'antes servia aos boticarios para exprinar de chapeletis doiradas, e garridos rotules, os bojos das garraçadas, reverte agora toda ás concepções d'alta therapeutica, a pesquisas de peptonas exoticas e de vinhos fericos, a combinandos d'iódetos e brometos em lambedores milagrosos, contra a tísica e o morbo gallico, a pedi-

voras e a tinturas de cabello: coisas de tanta inspiração e chimica tão rara, que uma pessoa inquire debalde onde vae o boticario portuguez, com o seu curso tão pobresinho de sciencia, colher erudição para tão altas cavallarias. Ha por exemplo ahi para os lados do Arsenal uma especie d'alchimista *doutorado na America*, por cartas particulares, cujo estendal de preparados e invenções custa a abranger d'uma leitura. Como é possível viver compositor tamanho, em paiz tão exiquo de perimetro? Eis do que eu pasmo. O homem faz de tudo, pasta p'ra moscas, pasta p'ra raios, pasta p'ra tosses, pasta p'ra hernias. Na secção dos lambedores chega a ser epico! Tem-nos p'ra lombrigas, p'ra flatos, p'ra espinhella cahida, p'ra faltas d'ar e p'ra dôres de dentes; uns que se tomam a colheres de sopa, outros que se tomam a colheres de chá; e ao copo, ao litro, á bilha, á pipa...; e nos frascos, por cima da mensão das virtudes mirificas da droga, o retrato do auctor, de gravata branca, e a commenda de Christol! A sua concepção therapeutica abrange todas as esferas pathologicas d'um follego; vae da ataxia locomotriz á caspa, da homorroidé ao esquentamento e ao piolho ladro, com frascinhos e boioes p'ra toda a *colidade* de queixa. E prevendo que na sua chientella de tolos, haja algum são, não se esquece de confeccionar a beneficio d'este, coisas absolutamente raras em banhas de cabello, tinturas para barba, e perfumaria para lenços. Umaz vezes por outras, dá consultas, e é ouvil-o então sobre as phymoses que os gallegos e catraeiros do caes lhe vão mostrar, e sobre as hydropisias... temporarias que os filhos-familias provocam, por brincadeira, nos seus *entretiens* domesticos com as creadas. Com os outros boticarios succede quasi o mesmo. Não saberão elles cumprir á risca a receita d'um medico; mas preceituar sobre o tratamento a adoptar nas febres pallustres, isso... Tenho pensado que a morte dos semanarios poeticos, e dos album d'acrosticos e bocadinhos d'ouro, fechando publicidade aos pharmaceuticos inspirados, foi talvez a causante d'este diluvio de preparados secretos que ora vemos ahi.

Sempre a imaginação foi predicado dos ajudantes de botica, e eu que o fui nos meus tempos, poderia contar dos esforços que usei para não liquidar em descobridor de clysteres miraculosos. Salvou-me a imprensa. Eh! Eh! *Ceci tuera ceia!*

O mais certo é que a policia ponha ponto na sua caça aos charlatães, aterrada do escandalo que seria se ella ousasse meter na cadeia os barões e os condes especialistas. Aguarde-se pois que o publico, tendo aprendido a ser sensato, á custa de experiencias dolorosas, espunja por uma vèz do seu favor, a mézinhice empirica dos que ahí escamoteiam sem honra as profissões nobilissimas que lhes ensinaram nas escolas.

Mas vá a policia estendendo sempre a sua rede d'inquerito (já que não pôde acabar com os curandeiros em grande) a toda a area de Portugal onde o pequeno curanteiro pompeia.

Tem que fazer. Não ha n'esse paiz casal ou aldeia onde não exerça clinica um mestre barbeiro, uma bruxa, ou um virtuoso. No Algarve, no Douro, no Minho, no Alto Alemtejo, e nas duas Beiras, o curandeiro estorva o prestigio clinico, cerceia os interesses do medico, que muita vèz, apertado pela necessidade, é obrigado a convidal-o ás conferencias, e a recebel-o por assistente e por confrade. A estupidez popular, que filia no maravilhoso as curas dos barbeiros, em muitas terras recusa-se ainda agora a crer na efficacia da medicina scientifica, e este estado moral, junjido á barateza das visitas do mestre, comparativamente ás do doutor, auxilia e desenvolve a crençice provincial, n'uma rotina que sobreleva a dos selvagens mais estupidos. Acresce que curandeiros d'aldeia accumulam em geral esta profissão, com a de galopins eleitoraes, o que equivale afirmar que ás auctoridades convem fechar os olhos, sobre as infamias clinicas de taes typos. Os casos d'enfermos mortos ás mãos dos curandeiros audazes, por ignorancia da doença, e abusos de drogas receitadas, os abortos provocados, os partos defeituosos, etc, contal-os-hia a estatistica por centenas, se transpirasse até á capital a historia minuciosa de taes crimes.

Ha pouco referiram os jornaes algarvios, um caso horrivel. Uma mulher do campo, solteira, appareceu rotunda, mêzes depois de haver quebrado relações com um namoro. Convenio da familia, juras da mulher, que estava pura, e apello final para a sabedoria do barbeiro. Vem o homensinho, precute, tateia, ausculta, acabando por dizer que aquillo não eram senão aguas na barriga. Quanto ao tratamento, alem d'uns chás de folha de morango, achava a coisa madura para uma operação de pouca cirurgia.—Pois faça o sr. Macario a operação, se acaso entende... disse a familia.

Ao dia seguinte o sr. Macario veio, fez cubrir com um lenço os olhos da cliente, e desnudando-lhe o abdomen, abriu á lanceta, com movimentos de bróca um edificio circular, por cuja aberta introduziu scientificamente um canudo de canna, dando cabo assim de duas creaturas. Prenderam-no? Nada! Era muito do governador civil. De modo que ainda hoje lá está, com a lanceta e o canudo, á espera d'outra.

IRKAN.

O SEGREDO UNICO

Nos arcanos da toilette
 Comparações não prolongo
 Em questões de sabonete
 Uso os principes do Congo.

Saboaria Victor Vaissler, Paris

O elevador da Estrella

Já prompto, sem barbicacho
 Que na carreira o reprima,
 Lá vae, p'ra cima e p'ra baixo,
 Lá vem, p'ra baixo e p'ra cima!

Eu não sei bem como exprima
 O goso estranho que eu acho
 De andar p'ra baixo e p'ra cima.
 De andar p'ra cima e p'ra baixo!

Em versos me desempacho,
 Forçados á mesma rima,
 Ora p'ra cima e p'ra baixo,
 Ora p'ra baixo e p'ra cima.

E assim cantarei a estima
 Que me inspira o tal diacho,
 Que anda p'ra baixo e p'ra cima,
 Que anda p'ra cima e p'ra baixo.

Sem burro, cavallo ou macho,
 Que movimento lhe imprima,
 Segue p'ra cima e p'ra baixo,
 Volta p'ra baixo e p'ra cima.

Vae n'elle a Amalia de Lima,
 Vae n'elle o Dantas Baracho,
 Ambos p'ra baixo e p'ra cima,
 Ambos p'ra cima e p'ra baixo...

Vae o Gomes, do Cartaxo,
 Vae a salaia—ó vindima!—
 Elle p'ra cima e p'ra baixo,
 Ella p'ra baixo e p'ra cima.

O Antonio Martins da esgrima,
 A gentil Alda Camacho,
 Toca p'ra baixo e p'ra cima,
 Toca p'ra cima e p'ra baixo...

Vae quem só come gaspacho,
 Quem tem trincadeira opima,
 Gosar p'ra cima e p'ra baixo,
 Gosar p'ra baixo e p'ra cima.

O proprio Magalhães Lima
 Com fidalgas pode, eu acho,
 Andar p'ra baixo e p'ra cima,
 Andar p'ra cima e p'ra baixo...

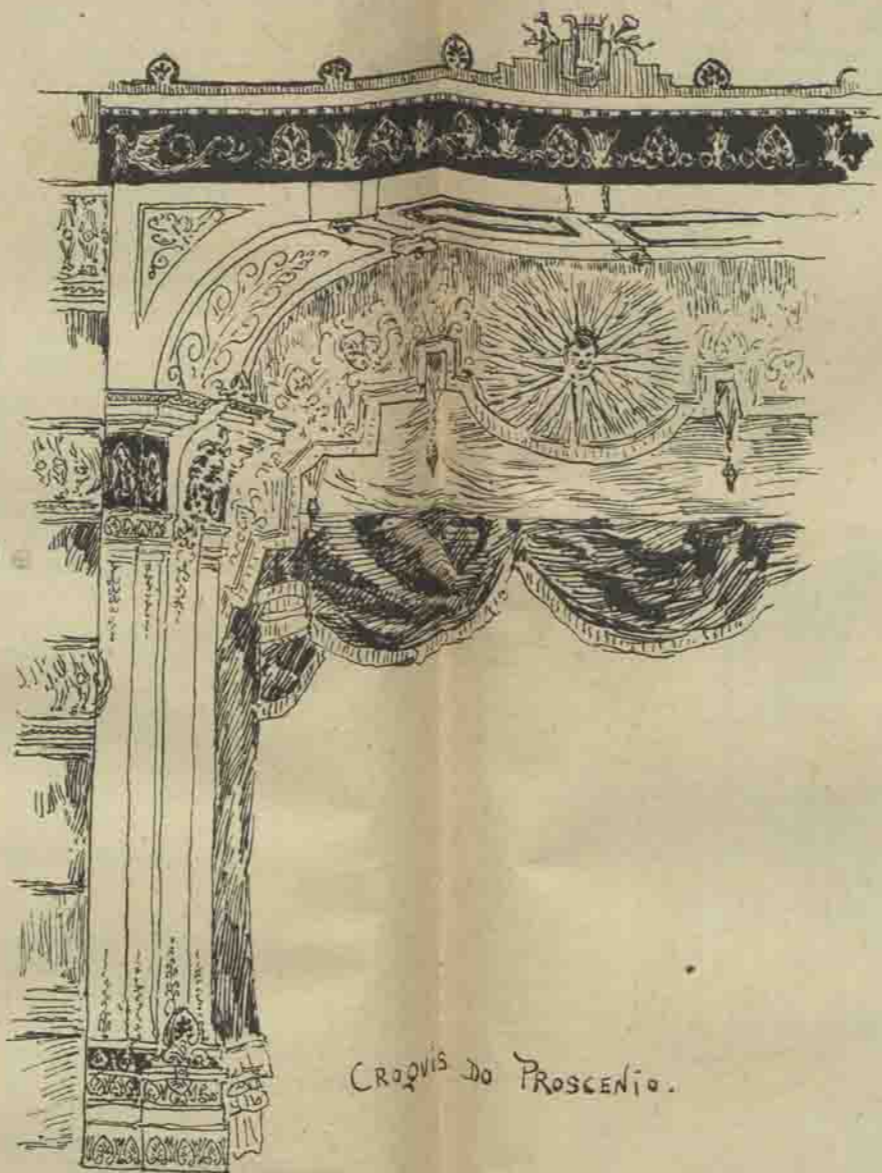
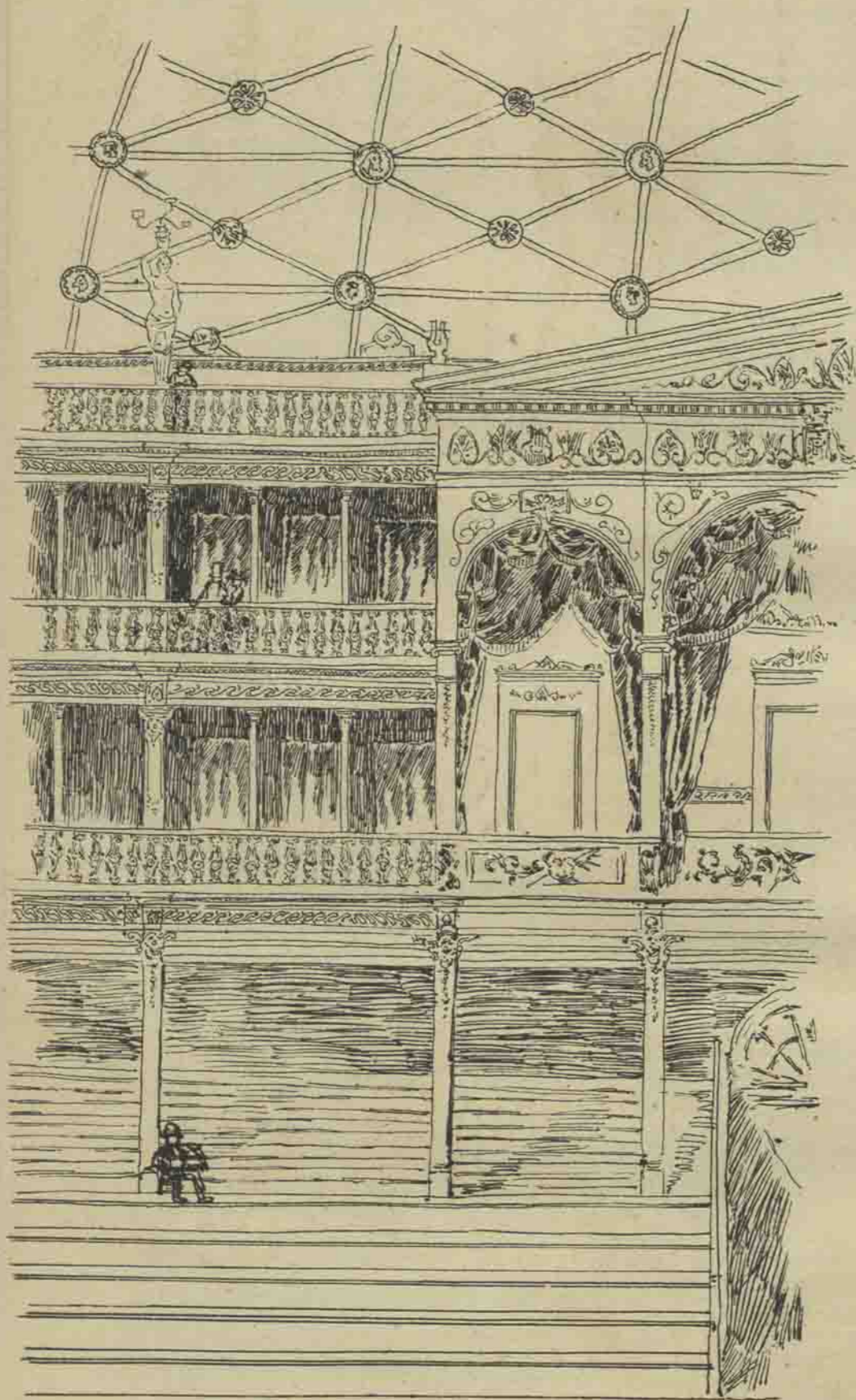
Qual á chamma d'um fogacho,
 Tudo se aquece e se anima,
 A andar p'ra cima e p'ra baixo
 A andar p'ra baixo e p'ra cima.

Não ha ninguem que se exima,
 Do mais tolo ao mais marracho,
 A ir p'ra baixo e p'ra cima
 A vir p'ra cima e p'ra baixo.

Eu dêz que o sol mostra o facto,
 P'ra lá vou, com minha prima,
 —Sempre p'ra cima e p'ra baixo,
 Sempre p'ra baixo e p'ra cima...

PAN-TARANTULA.

O NOVO COLYSEU



CRQVIS DO PROSCENIO.

Por muito tempo, os moradores da rua de Santo Antão andaram intrigados com uma construção pesada, solenne e terrivel, cujo destino todos ignoravam. O que será? O que não será?...

Talvez uma praça de touros... Talvez uma segunda penitenciaria... Talvez um grande forno para cremação de cadaveres... Talvez algum edificio de torturas, mandado construir pelo sr. Lopo Vaz, para ali receber os 1:500 jornalistas que diariamente estão cahindo sob os rigores da lei das rolhas...

Afinal, na semana passada, desvendou-se o mysterio. Aquella masmorra, aquella praça forte, aquelle castello de S. Jorge n.º 2—era unicamente e simplesmente—quem tal diria!—mais um lugar de prazer e de loucura!

Nós, cá, somos assim... Não estamos com meias medidas!... Fazemos theatros pelos modelos da Bastilha,—para termos sempre debaixo de ferros o Prazer e a Alegria, para que não se escapem! Por fóra, uma construção que desafia todos os canhões da casa Krupp; paredes de cinco metros de espessura; setteiras e vigias; armazéns e torelhas. Sem fallarmos nos fossos! Um Colyseu que mais parecerá a torre de S. Julião—quando estiver blindada...

UM ASPECTO DO COLYSEU (LADO DA TRIBUNA REAL)

SEGUNDO O PROJECTO DO DISTINGUIDO SCENOGRAPHO MACHADO.



Mas por dentro, tudo quanto a phantasia da sr.ª Therpsicore e do sr. Barbosa nos podem dar, a razão de 500 reis cada cadeira. Coisa d'espanto, coisa vasta, coisa grandiosa—como se não vê lá fóra!

Alguma vez havia de ser! Todos os dias, a proposito de tudo, andam uns senhores que se teem permitido uma passeata até Badajoz, até Alverca, ou até Paris, a envergonhar os lisboetas com a famosa exclamação—d'isto só lá fóra! Ora ainda bem que já temos Colyseu—como não ha lá fóra!...

E quando Sua Magestade assistir a novas manobras, poderá Sua Magestade, para animar a tropa, em vez de melhorar o rancho, mandar distribuir bilhetes para uma representação da *Mascotte*. Temos Colyseu com espaço para todo o exercito, ficando ainda cadeiras vazias para o batalhão dos conselheiros, para o regimento dos commendadores, e para o exercito dos nossos amanuenses.

Sómente alguns melhoramentos de maior urgencia e necessidade se impõem, para commodidade do publico



Assim, por exemplo, lembramos á arrojada direcção, a necessidade de mandar pôr á disposição de cada espectador um oculo de ver ao longe e um par de cornetas acusticas.



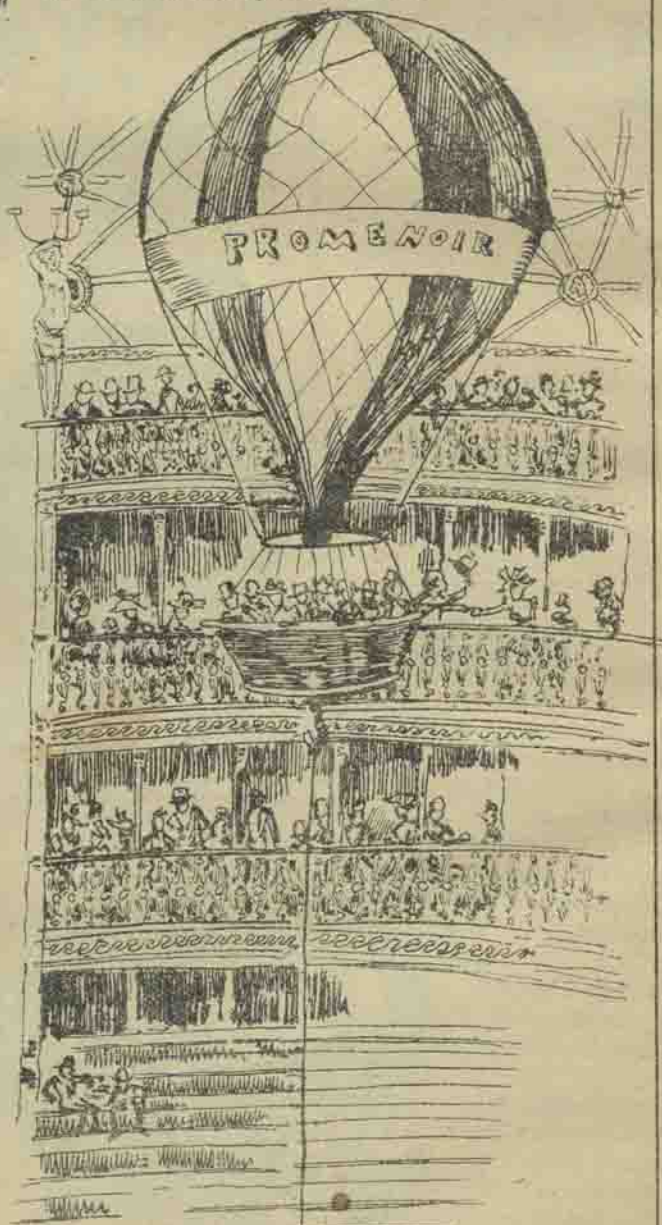
A distancia a que se acha o palco do publico exige o uso de semelhantes apparatus,—para assim se explicar a razão por que cada individuo dá 500 réis de cada vez que entra n'aquelle recinto de prazer. Porque a verdade é que se gastam 500 réis para ouvir a musica e as vozes das cantoras e para ver suas formas atrahentes e seus costumes variegados. Cremos ser esta a principal razão por que se vae a um theatro de opereta. Mas se estamos em erro, que nol-o digam na volta do coeiro, para no proximo numero pedirmos desculpa da nossa falta e dizermos assim ao publico:

—«Meu caro sr. Publico! Retiramos tudo quanto escrevemos na quinta feira. No novo Colyseu representa-se agora uma nova *Mascotte*,—uma que se representa para não ser vista, nem mesmo para ser ouvida! ...»

Tambem lembramos á espaçosa direcção a vantagem de installar quanto antes um caminho de ferro de circumvalação, systema Decauville, para con-



duzir os espectadores d'um para outro ponto do Colyseu. Esta lembrança foi-nos suggerida pelo facto d'um nosso amigo ter emprehendido a viagem do camarote de bocca da esquerda, para o camarote de direita, o que o obrigou a dar a volta do Colyseu. Este nosso amigo emprehendeu a sua viagem no sabbado findo, e á hora em que escrevemos estas linhas ainda nos não consta que tivesse chegado ao termo da sua travessia. O que nos deixa bastante preoccupados, attendendo a que o nosso amigo não havia levado viveres para o caminho.



Tambem se nos affigura da maxima importancia a installação d'um balão captivo, systema Giffard, partindo das cadeiras para os camarotes e promenoir do novo Colyseu.

Desde que Raul Menier teve a phantasia de eliminar as subidas de Lisboa por meio dos elevadores, — que o lisboeta desaprendeu a *arte de trepar*, que tanto o distinguia dos habitantes das outras capitães da Europa. O lisboeta já não trépal... E como o *promenoir* do Colyseu é collocado a uma altura que causaria vertigens ao proprio sr. Eiffel—ô da torre de 300 metros—o balão captivo impõe-se... para evitar maiores desgraças.

Com aquelle espirito de observação com que a divina Providencia houve por bem dotar-nos—apesar dos governos ainda nos não haverem escolhido, nem para o observatorio da Tapada, nem para a analyse do *deficit*, nem tão pouco para o exame do microbio cholericô—não escapou á prespicacia do nosso olho o estado desgraçado d'um espectador, que ousou trepar ás altas regiões do *promenoir* em questão.



Eis o retrato do infeliz Eil-o!—o misero aventureiro, em busca de pontos de vista e d'uma cervejinha de exportação!...

Esta horrorosa desgraça teve logar no intervallo do 2.º para o 3.º acto dos *Contos de Boccacio*. Esse irresistivel espectador achava-se ao nosso lado, de chapéu de palha, rosa ao peito, e a felicidade estampada no rosto.

De repente, chegado o intervallo, eil-o com desejos de visitar o *promenoir*. Precipita-se por uma escada; sóbe, trépa, galga, devora degraus a quatro e quatro; e quanto mais subia e quanto mais trepava, mais degraus lhe iam surgindo, uns sobre os outros, como um castigo do céu.

E esse moço irresistivel e de rosa ao peito, que havia sabido das cadeiras com a felicidade estampada no rosto,—eil-o no *promenoir*, deitando os bôfes pela bocca fóra, quando o muito que elle queria deltar eram talvez amabilidades... aos pés d'algu na hespanhola.

Acha-se agora n'uma enfermaria do hospital de S. José. O seu estado inspira serios cuidados.

Urge, pois, o balão captivo. E' preciso que o installeem quanto antes...

Uma innovação da empresa, e que muito louvamos, é a das *senhas engraçadas*, que teem por fim alegrar os espectadores quando saem, durante os intervallos.



Realmente, ainda até hoje se não tinha ligado grande importancia á *senha*; mas graças á empresa do novo Colyseu, uma grande revolução se vae operar nas *senhas* dos theatros.

Nos theatros de opereta veremos a *senha-para-ri-r*, illustrada com caricaturas, para assim dispôr o espectador á folia e mais ao prazer. Tambem ás caricaturas se poderiam juntar algumas exclamações hilariantes. Por exemplo:—*Olé! Olé! Viva la gracia! Olá! seu pandego!*—e outras que as circunstancias exigissem.

Nos theatros de drama—como D. Maria—poderse-ha introduzir a *senha para-chorar*, com illustrações de caveiras e de corações atravessados por punhaes acerados e crueis. D'este modo, o publico, nos intervallos, terá sempre presente a imagem da Morte e do soffrimento, o que muito contribuirá para a boa apreciação de qualquer drama sufficientemente chouriço de sangue. Tambem será conveniente o abuso da legenda fatal e melodramatica, por exemplo:—*A morte é o termo da vida—Viver é soffrer—Lembra-te que és pó, e em pó te has-de tornar!*—etc.

Quanto a *senhas* para São Carlos, o problema já é mais difficil. Lembramo-nos de *senhas* com bocadinhos de partituras impressas;—ou então *senhas-caixas-de-musica*, com corda para um quarto de hora, que tocarão a *Maria Cachucha* ou o compadre chagadinho...

Mas deixemos a resolução de tão graves problemas á intelligencia dos srs. empresarios.

O nosso dever é assignalar a innovação que apprehendeu o Colyseu—e felicitar calorosamente a empresa por tal melhoramento—que é tambem digno de-ser imitado lá fóra!



E agora, para concluir:

O Colyseu é uma vasta e agradável casa de espectaculos. O que é pena, é que o palco não seja mais largo, mais desassombrado, porque uma empresa corajosa podia ali dar grandiosos espectaculos só para a vista,—grandes bailados, pantomimas e peças militares, que despertariam muito interesse ao nosso publico—enchendo de contos de reis a algibeira dos empresarios.

Como circo é magnifico. E o *promenoir* será um dia concorrido, quando lá houver *bars* bem installados, bebidas, flores e tabacos, e raparigas bonitas a vender.

Se querem que o *promenoir* do Colyseu seja como os das *Folies Bergères*, *Eden*, *Nouveau Cirque* de Paris, e *Alhambra* de Londres, alegre e concorrido, senhores empresarios:—menos triados, melhores bebidas, mais raparigas e mais flores!...

QUIDAM.

Correio das Caldas



Não sei o que te heide rabiscar

por mais que scisme

rodeado d'aprendizes e só entregue



a barros, a visitas amáveis,



e a judeus exóticos.

a modelos novos, a pratos velhos



Raphael

cobras e lagartos, nem te posso fallar da elegancia das Caldas, da nova e dura forma de substituir o chá—e de como as aguas das Caldas curam rheumatismos e dão nobreza á gente por intermedio do Sebastião da Copa. Para a semana te direi.